
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

DRUMMOND, JORNALISTA

Mariana Quadros (Colégio Pedro II/UFRJ)
quadros.mariana@gmail.com

RESUMO: “Jornal” é um significante recorrente nos versos de Carlos Drummond de Andrade. Além disso, o escritor experimentou em seus poemas vários procedimentos de retomada crítica de notícias divulgadas na imprensa. Tendo isso em vista, este artigo pretende analisar o trânsito entre a escrita jornalística praticada por Drummond e sua obra poética. Para tanto, leremos textos do autor que iluminem as diferentes formas dessa aproximação, desde os “poemas noticiários” de *Alguma poesia* até a crônica em versos de *Versiprosa*. Essas análises serão enriquecidas por documentos de jornal e por ensaios em que os principais críticos da escrita drummondiana tenham refletido sobre a questão.
PALAVRAS-CHAVE: Carlos Drummond de Andrade; poesia; crônica; jornalismo.

Em uma das diversas entrevistas concedidas por Carlos Drummond de Andrade nos anos 1980, o autor revela: “Confesso que, se é que tive alguma vocação na vida que não pude cumprir, foi ser jornalista. Gostaria de ser jornalista, apesar de ser uma profissão ingrata.” (Andrade 1985a: 1-2) Próximo ao fim da vida, quando reavaliou nos jornais sua trajetória como homem público e de letras, Drummond chamava atenção para a relevância do jornalismo em sua biografia. De fato, a imprensa teve grande valor para o sustento do escritor e para a divulgação de sua prosa e de sua poesia. Desde os primeiros poemas, quando Carlos Drummond de Andrade era ainda adolescente, a divulgação de seus textos ocorreu por meio de jornais; além disso, no início da vida adulta, o trabalho no *Diário de Minas* e no *Minas Gerais* permitiu ao autor um ofício que não lhe afastava demais do exercício literário, como comprovam as provocações modernistas publicadas durante a década de 1920 na imprensa oficial e conservadora mineira. As décadas consagradas à escrita de crônicas para jornais cariocas ratificam a proeminência da imprensa na vida profissional de Drummond.

O gosto do poeta pela escrita cotidiana e do cotidiano é evidenciado quando contrastamos o volume das publicações na imprensa ao lamento de Carlos Drummond de Andrade – divulgado não apenas na entrevista citada – por não se ter devotado

ainda mais ao jornalismo. A questão é de grande relevo. Porém, não nos interessa tanto o dado biográfico. Aqui a vida dedicada em grande medida aos jornais é um dos sintomas de que há um intenso trânsito entre a escrita jornalística e a obra literária de Carlos Drummond de Andrade.

O próprio escritor avalia a importância dos diversos embates entre o noticiário e a literatura. Na década de 1970, ele assim declara à entrevistadora Lya Cavalcanti: “O jornalismo é escola de formação e de aperfeiçoamento para o escritor, isto é, para o indivíduo que sinta a compulsão de ser escritor” (Andrade 2008: 37) Está claro que o gosto pela profissão não é apenas uma preferência pessoal. Drummond vê na atividade um exercício imprescindível para a prática literária. Esse é o aspecto da questão que nos interessa. Como o jornalismo participa da obra de Carlos Drummond de Andrade? De que modo esse autor, jornalista e literato (as duas atividades se fundindo), revela em sua obra um aspecto fundamental da literatura brasileira, rascunhada e produzida constantemente no papel-jornal?

A resposta mais óbvia às perguntas remete ao trabalho como cronista, exercido de forma regular por Drummond desde a década de 1950. O autor colaborou entre 1954 e 1969 no *Correio da Manhã*. Desde então até 1984, escreveu para o *Jornal do Brasil*. Ao todo reuniram-se mais de 6000 crônicas publicadas em jornal e hoje disponíveis na Fundação Casa de Rui Barbosa. Mas talvez este não seja ainda (não agora) o melhor caminho para se vislumbrar a importância do jornal na obra de Carlos Drummond de Andrade. Por enquanto, estamos diante de um gênero muitas vezes qualificado como “menor”. Não nos referimos àquelas análises que defendem ser a despreensão a grande qualidade da crônica, ponto de vista adotado por críticos da envergadura de Antonio Candido (2004a) e Davi Arrigucci Jr. (1987). O próprio Drummond não deixou de contribuir para o relativo desprestígio do gênero. Em outra entrevista concedida ao *Estado*, também em 1985, afirmou: “Eu fui mais um cronista, um amigo e um companheiro da hora do café da manhã que um escritor” (Andrade 1985b: 31). Drummond duvidava da qualidade de sua prosa, que “sentia muito inferior à sua poesia”, como expôs em carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, datada de 18 de janeiro de 1929 e preservada pelo Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Os versos, dizia, “os faço com prazer, e a prosa não. A prosa em geral é parida, e laboriosamente parida.”

Se os versos eram o espaço privilegiado da produção drummondiana (e a isso voltaremos), também neles, desde a estreia, faz-se marcante o jornal. Em *Alguma poesia* (Andrade 2002: 19), lê-se:

POEMA DO JORNAL

O fato ainda não acabou de acontecer
e já a mão nervosa do repórter
o transforma em notícia.
O marido está matando a mulher.
A mulher ensanguentada grita.

Ladrões arrombam o cofre.
A polícia dissolve o *meeting*.
A pena escreve.
Vem da sala de linotipos a doce música mecânica.

“A pena” poética convive com as “linotipos” do jornal. Dilui-se, assim, ao gosto moderno, a oposição entre o artístico e o consumível, o literário e o jornalístico. Em outros termos: os versos desfazem aquela oposição afirmada pelo escritor na carta a Rodrigo Melo Franco. A prosa está também no poema. O repórter identifica-se ao poeta, metonimicamente insinuado por meio da figura da “pena” no penúltimo verso. Um e outro têm como objeto o fato enquanto acontece, inacabado. A sequência de verbos no gerúndio e no presente (“está matando”, “grita”, “arrombam”, “dissolve”, “escreve”) recompõe a simultaneidade de fato e escrita, aspecto fundamental do livro de estreia de Carlos Drummond de Andrade. Não só do livro de estreia: em *Alguma poesia* surge o problema privilegiado com que se deparará a obra de Drummond – o fato e a resistência à sua brutalidade, a modernização e a *gaucherie* daí decorrente.

A grafia do acontecimento tem, ainda, consequências para a fatura do verso. A última estrofe reafirma um traço marcante da coletânea de 1930: a escrita antime-lódica, com “ritmos quebrados”, para retomarmos a expressão de Merquior (1975: 9). Nesse sentido o verso “Vem da sala de linotipos a doce música mecânica” pode se associar à passagem célebre do poema de abertura do volume (Merquior 1975: 5): “Mundo mundo vasto mundo,/ se eu me chamasse Raimundo/ seria uma rima, não seria uma solução.” Manifesto do verso branco, o trecho famoso revela a destituição da melodia uma vez que o poema se debruce sobre o mundo. “Poema do jornal” expõe nova face desse projeto ao conclamar “a doce música mecânica” para vencer as consonâncias da versificação tradicional: a poesia de Carlos Drummond de Andrade não está exatamente “sem música”, como quis Carpeaux (2006: 440), mas recupera outras musicalidades, a do maquinário de imprensa entre elas, para apresentar o tempo presente.

Outros textos de *Alguma poesia* atualizam a poética revelada no “Poema do jornal”. No primeiro livro de Drummond, como reconheceu John Gledson (1981: 81-82), o escritor pratica o “poema noticiário” em textos em que comenta acontecimentos contemporâneos. Os exemplos mais claros, ainda segundo o crítico, são “Outubro 1930”, “Anedota búlgara” e “Elegia do rei de Sião”.

Levando isso em conta, podemos dizer, com Flora Süssekind, que o cronista – jornalista por definição – invade a poesia. Porém, esse deslocamento não ocorre principalmente devido a uma espécie de cumplicidade entre Drummond e o leitor, oriundo do flerte com o fato, conforme a análise da pesquisadora:

É como se Drummond, em meio ao trabalho sistemático com parte dos recursos dessa poesia [moderna], com o circunstancial, o fato e os efeitos da prosa, se visse obrigado a olhar sempre com certa desconfiança os volteios

autorreflexivos da literatura e da crítica contemporâneas, descartando-os em prol de uma maior cumplicidade com o leitor. (2003: 281-282)

A presença do acontecimento noticiável é marcante já na estreia de Carlos Drummond de Andrade, cuja obra foi desde sempre caracterizada pela hesitação entre a desconfiança e a comunhão com o leitor. Essa afirmativa encontra respaldo na análise de Villaça acerca da relação entre o poeta e o público na lírica drummondiana:

Pode-se reconhecer nesse passo um acréscimo drummondiano à caracterização geral do *gauchismo*: ver-se como diferença do outro, ser a diferença para o outro, apresentar-se como diferença até em relação a si mesmo – mas sempre encontrar uma fórmula de sobrevivência naqueles sentimentos que, precária e consoladoramente, acabam por identificar ‘a gente’. Drummond faz desse contraponto crítico-sentimental uma expressão dinâmica dos limites que são também os de seu público, modulando na voz as sensações secretas e estruturando-as em consciência no diálogo das contradições. (2006: 37)

A confiar nas palavras de Villaça e na leitura crítica dos poemas de Drummond, não encontraremos na suposta relação de cumplicidade com o público os vestígios da invasão do cronista nos versos drummondianos. Não os observaremos tampouco, como defende ainda Flora Süssekind, no afastamento em relação aos jogos autorreflexivos da literatura moderna e contemporânea graças ao coloquialismo próprio do jornal. As marcas do jornalismo na poesia não permitiriam, defende ela, a ruptura própria do poeta crítico. Em suas palavras: a poesia-crônica “trabalha sobretudo com restaurações” (Süssekind 2003: 283) em *Alguma poesia*, mas uma radical negação de todo valor estabelecido. Parte desse “niilismo” a notação imediata do fato pelo poeta-jornalista, como interpretou Gledson:

Pode-se estranhar que o primeiro livro de Drummond seja, já, tão negativo. Mas cremos que a sua posição se descreve muito exatamente como niilismo (e não como pessimismo). Isto é, o poeta não aceita nenhum valor ou sistema de valores como guia válido neste mundo que ‘perdeu o seu ritmo’ – as repercussões de sua posição sentem-se, com efeito, na poesia de maneira imediata. (1981: 84)

De qualquer modo, poder-se-ia ainda pensar que a presença marcante do jornal, imiscuído na escrita dos versos, restringe-se à fase inicial da obra de Drummond. Com efeito, o “Poema do jornal” foi publicado naquele período em que, segundo Antonio Candido (2004b: 67), prevaleceu o “reconhecimento do fato” na escrita drummondiana. A partir da década de 1940, o fazer poético se tornaria objeto de inquietudes em que tratar o mundo e o ser, o fato e a criação, é alvo de uma perplexidade fundamental. Mais uma vez, porém, o jornal faz parte da poesia. Em “Carta a Stalingrado”, publicado em *A rosa do povo*, de 1945, lê-se: “A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais” (Andrade 2002: 201). A obra inverte a lógica anunciada nesse verso célebre,

trazendo o jornal para o interior do livro: registra a batalha de Stalingrado, a resistência de Moscou, a morte de Mário de Andrade.

É significativo também das relações entre poema e jornalismo que o verso citado esteja na mesma coletânea em que se publicou “Procura da poesia”, texto que condena o incidental: “Não façam versos sobre acontecimentos” (Andrade 2002: 117) A aparente contradição entre os títulos do mesmo volume é reveladora de que poesia e fato estão em constante duelo. Por ora, no segundo poema de *A rosa do povo*, a luta com as palavras parece prevalecer sobre os incidentes. No entanto, não se expulsa inteiramente o dado objetivo durante essa batalha. Em vez disso, como bem notou Lumna Simon (1978: 158), a “penetração no reino das palavras” “expressa um movimento prolongado e contínuo em direção do objetivo”, o tempo presente penetrando no poema ao se apresentar uma busca movida pelo atrofamento da palavra, marca da crise da modernidade. Ao fim do texto, encontramos um eco da “doce música mecânica”, presente no “Poema do jornal”. As palavras, “refugiadas na noite”, estão “ermas de melodia e conceito”. O substrato existencial insinua-se, assim, até naqueles poemas que parecem tender ao metafísico e ao metalinguístico. Do mesmo modo, nos “versos sobre acontecimentos” as marcas da inquietude a respeito do ser e da criação se fazem sentir. O jornal está, portanto, também e sobretudo nos versos em que os jogos autorreflexivos são mais densos.

Apesar disso, nos anos 1950, em que a poesia de Drummond adensou as reflexões sobre a linguagem, o jornal pareceu se calar. Essa supressão é, no entanto, contrabalançada pela intensificação da atividade jornalística do escritor, que se tornou cronista regular do *Correio da Manhã*. Segundo João Camillo Penna (2011: 100), a verve interventiva do escritor foi então deslocada dos versos para a prosa, uma vez que “no momento em que se fixa a forma-crônica drummondiana” surge “algo como um *Drummond cívico*”, sempre disposto a protestar contra as mazelas urbanas noticiadas nos jornais.

O jornal voltaria aos versos de Carlos Drummond de Andrade na fase menos lida de sua poesia, não obstante. Seis anos depois da publicação de *Lição de coisas*, de 1962, o poeta lança o primeiro volume de *Boitempo*. Nessa coletânea, a atualização do passado biográfico revela sua face mais ampla por meio da convocação do texto de jornal. Em “Homem livre”, da primeira parte de *Boitempo* (Andrade 2002: 887), o poema é escrito a partir de uma antiga notícia de jornal:

HOMEM LIVRE

Atanásio nasceu com seis dedos em cada mão.
Cortaram-lhe os excedentes.
Cortassem mais dois, seria o mesmo
admirável oficial de sapateiro, exímio seleiro.
Lombilho que ele faz, quem mais faria?
Tem prática de animais, grande ferreiro.

Sendo tanta coisa, nasce escravo,
o que não é bom para Atanásio e para ninguém.
Então foge do Rio Doce.
Vai parar, homem livre, no Seminário de Diamantina,
onde é cozinheiro, ótimo sempre, esse Atanásio.

Meu parente Manuel Chassim não se conforma.
Bota anúncio no Jequitinhonha, explicadinho:
Duzentos mil-réis a quem prender crioulo Atanásio.
Mas quem vai prender homem de tantas qualidades?

A leitura do documento referido por Carlos Drummond de Andrade no poema nos ajuda a compreender os modos de retomada e perversão do texto jornalístico pelo escritor:

200\$000!!!

Do coronel Manoel Monteiro Chassim Drummond negociante e morador na cidade da Itabira província de Minas Geraes, desapareceu da co:-te [sic] ao dia 30 de abril de 1868 um escravo de nome Athanasio, o qual tem os seguintes sinais: idade 35 a 40 anos, crioulo, estatura regular, desdentado, bem barbado no queixo inferior, tem em cada mão sinal de amputação de um dedo, por ter nascido com seis, é oficial de sapateiro, faz lombios, e trabalha de seleiro, cozinha sofrivelmente, tem muito uso de andar com animais e ferra; é bastante prosa e intitula-se livre, costuma mudar o nome, consta que esteve como cozinheiro no Seminário da Diamantina depois de fugido, com o nome de Manoel Ferreira.

Quem o prender e trazer ao dito seu senhor nesta cidade receberá de gratificação a quantia de duzentos mil réis além das despesas feitas com a sua prisão, e se o recolher a alguma cadeia do Império e avisar ao anunciante será também gratificado.

Itabira 28 de Novembro de 1868

No anúncio publicado a 03 de janeiro de 1869 n' *O Jequitinhonha*, sobressaem as marcas da destituição: a cicatriz das amputações infligidas ao escravo, a sofrível aptidão para a cozinha, a equivocada autoconfiança. No poema de Drummond, ao contrário, o excesso é o sintoma da superioridade do ex-cativo – a proliferação de adjetivos elogiosos a reforçar a admiração do Narrador pelo perseguido. Carlos Drummond de Andrade perverte a notícia a ponto de inverter os papéis ali estabelecidos: o poderio familiar revela-se um engodo diante da preeminência do negro fugido. O contraste entre o poema e o documento ao mesmo tempo privado e histórico ilumina, portanto, a coexistência de recordação e invenção na biografia divulgada em *Boitempo*. Esclarece, além disso, as relações entre a narrativa da vida pessoal e da história social

brasileira na autobiografia de Carlos Drummond de Andrade. O jornal é a marca da superação do fato particular pelo poeta-cronista, como defende Antonio Candido:

Por isso, embora guardem o sabor do pitoresco provinciano e remoto, *Boitempo* e, depois, *Menino antigo* denotam um movimento de transcender o fato particular, na medida em que o Narrador poético opera um duplo afastamento do seu eu presente: primeiro, como adulto que focaliza o passado da sua vida, da sua família, da sua cidade, da sua cultura, vendo-os como se fossem objetos de certo modo remotos, fora dele; segundo, como adulto que vê esse passado e essa vida, não como expressão de si, mas daquilo que formava a constelação do mundo, de que ele era parte. (2003: 56)

A cisão entre o Narrador e o menino biografado é duplicada por meio do recurso ao texto público retomado no tempo presente. Nas duas primeiras estrofes, o Narrador observa a distância a história de seu passado. A vida do escravo, tal como na notícia do parente abastado, é objeto do enunciador. A mediação do anúncio de jornal eleva à segunda potência essa objetivação. Entretanto, as marcas da filiação do Narrador ao personagem – de seu gozo com a fuga – fazem com que o distanciamento seja interrompido. A primeira pessoa inscrita na última estrofe revela a leitura do mundo de que o sujeito fizera parte: o prazer com o logro do parente é uma manifestação do gozo drummondiano com a destruição de si, dos seus, do ciclo familiar de violência. A expressão de si é, portanto, um modo de compreender a “constelação do mundo”. Inversamente, os objetos remotos narrados pelo jornal e pelo poema suscitam o registro da história de violência que o sujeito reconhecia como parte de sua biografia. O poema realiza, pois, a crônica que não poderia ser publicada pelo jornal: a notícia do processo de derrota gradativa dos Drummond e dos Andrade, entre eles a própria persona poética constituída pelo personagem Carlos.

A expansão da crônica para o verso por meio da escrita jornalística pode ser encontrada também em *Versiprosa*, segundo maior volume em extensão de toda a obra de Carlos Drummond de Andrade. O livro, de 1967, reúne poemas publicados em jornal. Mais do que isso, os versos assumem características próprias da prosa por abordar fatos noticiados nos periódicos à época da redação dos poemas. Os textos poéticos se tornam também eles noticiários. Por isso, aproximam-se da prosa, tornam-se “versiprosa”. Na explicação do escritor, esse “gênero” é composto por “Crônicas que transferem para o verso comentários e divagações da prosa. Não me animo a chamá-las de poesia. Prosa, a rigor, deixaram de ser. Então, versiprosa.” (Andrade 2002: 508).

A fusão das formas decorre da relação dos poemas com o tempo: da transformação da poesia em crônica, nos diz Drummond. Aquele menosprezo da escrita literária produzida para os jornais, afirmado mais de uma vez pelo escritor, começa a se problematizar – ou ao menos a se expandir também para os versos. A poesia assume uma função antes atribuída apenas à prosa: a de salvar a extensão do tempo e não apenas alguns instantes. Nas palavras do autor:

Mas a verdade é que se a poesia é a linguagem de certos instantes, e sem dúvida os mais densos e importantes da existência, a prosa é a linguagem de todos os instantes, e há uma necessidade humana de que não somente se faça boa prosa como também de que nela se incorpore o tempo; e com isto se salve esse último. (1944: não paginado)

Aqui poesia e prosa se identificam por surgirem do trabalho cotidiano para o jornal. Talvez por essa inserção, em *Versiprosa* a apropriação da notícia assumia aspectos não encontrados em qualquer outra parte da obra poética drummondiana. Alteram-se fundamentalmente os procedimentos até então adotados para a intromissão do jornalismo no verso. Já não há mais a “doce música mecânica” das linotipos. Os versos brancos são abandonados em benefício da rima predominante na coletânea. A métrica regular é também majoritária. Todos os poemas são datados, como que a marcar a força do calendário na fatura dos versos. Além disso, há aqui uma espécie de convocação do fato em estado bruto, que se acumula a ponto de esgarçar os laços entre os acontecimentos ali registrados. Pergunto-me se não seria mesmo o pudor do conteúdo factual que levaria Drummond a afirmar não serem poesia os textos de *Versiprosa*. Cada um dos recursos aqui enumerados aparece de forma elucidativa em “Lira de jornal” (Andrade 2002: 584-5):

E lá se foi Nehru – a cinza leve
de uma rosa vermelha presa à neve
da jaqueta. Corpo, jasmims ardendo,
e o pequeno Sanjoy, calado, vendo
a figura do avô que se esfuma.
Eis que da grande vida resta a suma
incombustível, livre de aparência,
ideia pervagante, pura essência,
como a essência final da mesma rosa,
refolhada magia silenciosa.
Já os mortos de Lima, pobrezinhos,
quedarão esquecidos, e os caminhos
que eles pisaram, vaga sombra em muro,
não lhes repetirão o nome obscuro.
O futebol, essa alegria solta,
cede lugar à morte desenvolta,
a morte num estádio, no terror,
a morte sem qualquer gesto de amor.
Ah, corpos alinhados à revista
da tevê e do médico-legista!
Mas viremos a página. É verdade
que está faltando açúcar à cidade?
Não creio, pois em cada apartamento
de açúcar há de sacos mais de um cento.

(A gente se defende, é claro.) Mas doçura
mais-que-todas surpreendo na criatura,
dona linda de casa? em fila indiana,
rumo da mercearia, esta semana.
O seu olhar adoça qualquer travo,
melhor que a rapadura e que o mascavo.
Dá-me vontade de gritar assim:
– Derramai este açúcar sobre mim!
Mas qual o quê: a dama, olhos tranquilos,
quer é comprar mais oito ou nove quilos.
Volta a dançar, na tela, o Picolino.
– Conhece Fred Astaire? – Era menino
quando ele apareceu... Cine-saudade,
e não, como ser, quer cine-verdade.
Seria ideal uma retrospectiva
de filmes e também da vida viva,
matinal, garimpando no cinema
e no mundo o segredo de um teorema!
Aquele fã que amava Greta Garbo
voltando ao velho amor e ao velho garbo...
Mas há outros prazeres no presente.
Este eu prolongo: ler gostosamente
o *Brejo Alegre* que França de Lima
(Geraldo) imaginou em prosa fina.
Muitas vidas miúdas se entretecem,
de um alto amor as chamas resplandecem,
Rosa Maria beija-se em Joal
e acaba-se esta crônica, afinal.

31-5-1964

O poema, como muitos outros da coletânea, constrói-se por meio de uma lista ou acúmulo de acontecimentos: a morte do primeiro-ministro indiano Nehru, a violência em um jogo de futebol peruano, a escassez de bens de consumo no Rio de Janeiro, a estreia do novo filme de Fred Astaire. O poeta faz nesse texto (e em vários de *Versiprosa*) uma revista dos fatos da semana ou do mês, registrando-os mais do que refletindo a respeito deles (como faria desde sua estreia em poesia e também na crônica). Dessa forma, a própria sucessão paratática dos temas pode ser lida como um modo de o poema assumir a variedade e a fragmentação dos assuntos noticiados pelo jornal. Os versos já não falam da imprensa: estão nela e, como ela, noticiam os diversos fatos diários. O poema se torna uma imagem do jornal.

O jornalismo infiltrado na linguagem poética torna a escrita “dispersa”, como explicita um dos títulos do volume: “À deriva” (Andrade 2002: 540-541). A crônica continua a se fazer na poesia, mas não usa os mesmos recursos adotados na extensa produção em prosa de Carlos Drummond de Andrade. Reencontramos em *Versiprosa*

o olhar íntimo sobre o fato diário (a moça que compra o café, convocada a partir do problema público; o prazer da leitura doméstica). Porém, a sucessão veloz de assuntos não permite que se veja no poema o lirismo e a densidade que aproximam frequentemente a prosa de Drummond à sua poesia, segundo Antonio Candido (2004c). Talvez haja mesmo um processo reverso àquele revelado pelo escritor na carta a Rodrigo Melo Franco já citada: trabalha-se na prosa o que é apenas registrado em boa parte dos textos de *Versiprosa*.

Podemos perceber essa espécie de reversão do caráter distendido da prosa, antes oposto à intensidade da poesia, por meio da comparação entre “Musa domingueira”, da coletânea de 1967, e “A lixeira”, crônica publicada em *Caminhos de João Brandão*. Em parte do poema, datado de 07 de agosto de 1960, lemos:

Falar em criancinha: viu a pobre
recém-nascida que um jornal encobre
e lá vinha, jogada na lixeira,
aos cuidados da mosca varejeira?
Que mãe envergonhada fez assim,
que pai tão pouco pai, que signo ruim,
que pressão social ou que capricho
inumano converte a vida em lixo?
Quando os garotos não podem nascer
sente a pena desgosto de escrever.

(Andrade 2002: 568-569)

O trecho é divulgado entre a “revista” do teatro encenado na época, a revisão do problema da falta de leite e elogios aos contos de Clarice Lispector. O poema remete a uma notícia que pressupõe ser conhecida e logo a substitui por outro tópico registrado no jornal. Diferentemente, na crônica em prosa, toda dedicada ao fato mas de algum modo dele independente, o acontecimento se transfigura. Dilui-se, assim, o caráter particular do abandono da criança, como podemos ver desde a introdução do texto: “Um dia, quando lhe perguntarem onde é que nasceu, a moça poderá responder, sorrindo: “Na lixeira”. Pois realmente foi ali que a jogaram, entre cascas de banana e borra de café, para que não vivesse; e foi dali que a retiraram viva, para que desse testemunho: Até numa lixeira a vida pode começar” (Andrade 2002: 565-566).

O fato, ainda surgido do jornal, é submetido às reflexões do escritor a respeito da vida e da modernidade. Passa a participar, assim, da densa escrita drummondiana acerca do “desconcerto do mundo”. A cisão entre poesia e prosa se dilui, desse modo. Há recorrências fundamentais. Além disso, o caráter menor da produção crônica de Drummond, afirmado por ele em algumas declarações em cartas ou entrevistas, é negado pela obra.

A crônica criada a partir do fato também registrado nos versos revela uma espécie de passeio entre acontecimentos feito por Drummond: do jornal ao poema e deste à crônica. Este é um dos percursos que se somam aos diversos apresentados breve-

mente neste artigo. Nos anos 1930, sobretudo em *Alguma poesia*, em que a escrita drummondiana buscou responder às demandas de renovação pelas vanguardas, o “jornal” foi o significante a impulsionar a assimilação de características da prosa pela poesia: da imprensa vêm não só os temas cotidianos ou prosaicos, mas também a escrita antimelódica, composta por versos livres e brancos e ritmada pela cisão paratática entre as frases. Já então se evidenciava que o trânsito entre a produção jornalística e a poesia de Drummond não se realizaria por meio da recusa dos jogos autor-reflexivos da literatura. Ele se estabeleceria, desde a estreia, como um dos motores do intenso exercício reflexivo do poeta acerca da linguagem. Nos anos 1940, quando a pena de Carlos Drummond de Andrade se voltou mais claramente para temas públicos, os grandes acontecimentos veiculados nos jornais – a morte de um famoso poeta ou batalhas da Segunda Guerra Mundial – tornaram-se o foco de densos exercícios poéticos, em versos que se alongam por poemas também eles longos de modo a refletir a magnitude dos temas abordados. Após um período de silenciamento do jornal nos versos drummondianos, em *Boitempo* ele volta a importar para a leitura da poesia do escritor na medida em que o texto jornalístico subjaz a ao menos um dos poemas em que o autor revê sua biografia. A presença do texto público sob os versos memorialísticos iluminam, assim, a história social que permeia a biografia do poeta. Por fim, o jornal vem a primeiro plano quando da compilação em *Versiprosa* de alguns poemas publicados na imprensa por Drummond: os versos se tornam, então, uma imagem do jornal ao compilarem a variedade de acontecimentos noticiados em uma sucessão aparentemente movida apenas pela pressão dos fatos. A presença do jornal na poesia drummondiana é, portanto, variada e pode iluminar aspectos de diferentes momentos da obra do autor.

A respeito dessa variedade, decorrente da observação dos fatos pelo jornalista, é o próprio Drummond quem fala: “Não há pausa. Não há dorzinha pessoal que possa impedi-lo. O fato não espera. Então você adquire o hábito de viver pelo fato, amigado com o fato. Você se sente infeliz se o fato escapou à sua percepção” (2008: 36-37). Sente-se infeliz, diz o homem. Em relação a sua poesia, seria preciso acrescentar: sente-se impelido a renovar o impulso de registrar o fato, de recusá-lo para em seguida novamente olhar para o acontecimento, ainda que de soslaio. Talvez seja esta a mais produtiva forma de cumprir uma vocação, a de poeta-jornalista.

OBRAS CITADAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Tempo vida poesia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

———. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

———. Brinquedo de armar - Entrevista concedida a Marcos Barreto. *O Estado de São Paulo* (São Paulo): 31, 01 set. 1985.

_____. A busca da poesia é a busca do prazer. Entrevista concedida a Gilson Rabello. *O Estado de São Paulo* (São Paulo), Cultura: 1-2, 28 abr. 1985.

_____. *Confissões de Minas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Americ, 1944.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 51-66.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. *Recortes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004a. 26-34.

———. Inquietudes na poesia de Drummond. In: *Vários escritos*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004b. 67-97.

———. Drummond prosador. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004c. 11-19.

———. Poesia ficção na autobiografia. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003. 51-69.

CARPEAUX, Otto Maria. Fragmento sobre Carlos Drummond de Andrade. *Ensaios reunidos*. Rio de Janeiro: Topbooks; Editora da UniverCidade, 2006. 338-443.

GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

O *JEQUITINHONHA* (Diamantina), 21, 03 jan. 1869.

PENNA, João Camillo. *Drummond, testemunho da experiência humana*. Brasília: Abra-vídeo, 2011.

SIMON, Iumna. *Drummond: uma poética do risco*. São Paulo: Ática, 1978.

SÜSSEKIND, Flora. Um poeta invade a crônica. In: *Papéis colados*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2003. 281-4.

VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

DRUMMOND, JOURNALIST

ABSTRACT: “Newspaper” is a common word in Carlos Drummond de Andrade’s poetry. Furthermore, in various ways, the writer retook press reports in his poems. Taking this into account, this paper discusses the relations between the journalistic writing practiced by Drummond and his poetry. To achieve this goal, I analyze the different forms of this approach, from the “press poems” published in *Alguma poesia* to the poetic chronicles collected in *Versiprosa*. These perusals will be enriched by press documents and essays where the main critics of Drummond’s writing have reflected upon the issue. KEYWORDS: Carlos Drummond de Andrade, poetry, chronicle, journalism.

Recebido em 11 de julho de 2014; aprovado em 20 de dezembro de 2014.